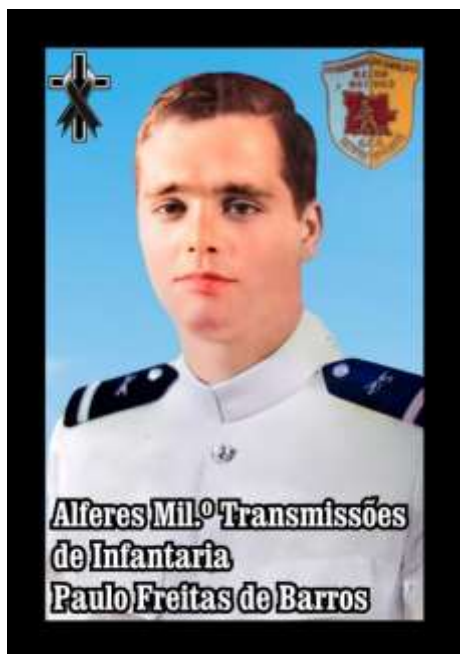


‘CARTA A UM PAI’

Autor: Major de Infantaria Gonçalves Dias,
2.º comandante do Batalhão de Caçadores 159



NÃO, senhor Antero, o seu filho verdadeiramente não morreu, o seu filho vive, vive no coração de todos nós que jamais o esqueceremos.

Ele não morreu, embora a vida para ele tenha parado.

Para nós, que andamos lado a lado, para nós, seus companheiros nas horas de ócio e de perigo, nos bons e maus momentos, para nós que não caímos no campo da honra, ele vive e sempre viverá.

Nós é que vamos morrendo, nós é que vamos acabando lentamente, na velhice que vai chegando, na decrepitude dos anos, naquela inutilidade saudososa em que nos tornamos.

Ele não! Ele terá sempre 23 anos, um sorriso nos lábios, o vigor que ninguém aguentava nas marchas, a curiosidade de quem tudo queria saber, a agilidade felina com que transpunha qualquer obstáculo, a ousadia que o fazia aventurar-se nos sítios sombrios e propícios para armadilhas, a astúcia com que se instalou no Encoge Micula de que resultou gorar-se um ataque dos terroristas, a coragem serena com que sempre se impôs, pelo exemplo, aos seus homens.

Nós continuamos a vê-lo todo desportista, de tronco nu, jogando o volei no Colonato do Vale do Loge, deitado ao sol daquela África, para onde foi com os seus problemas, uns religiosos, outros de justiça social.

Parece-me que estou a vê-lo apresentar-se.

- Alferes Paulo Freitas de Barros...

- Quando veio?... Porque foi transferido?...

Esboçou um sorriso, aquele sorriso gaiato que a todos cativava, e, delicadamente, foi dizendo:

- Fui punido, ainda não estou bem acostumado a estas coisas da tropa, nem a tropa acostumada a mim, mas creia que não foi nada que me desonrasse.

Dentro de pouco tempo, todos gostavam dele.

Parecia um garoto, esse seu filho que se havia de revelar um homem.

Era um puro como diziam os outros alferes do meu Batalhão.

Aquilo que sentia tinha de o dizer, custasse o que custasse, doesse a quem doesse.

Mas dele não vinha mal ao Mundo, e, se errava, confessava-o, a razão sempre acima de tudo.

Ao pé de si, enquanto tivesse soldo, ninguém tinha faltas. Emprestava dinheiro a toda a gente, mesmo que os soldados não fossem do seu pelotão e mal os conhecesse. Se tinha necessidades, também não hesitava, pedia a quem primeiro encontrasse, que depois pagaria. Fora esta a causa da sua punição, pois, como ele dissera, ainda não se acostumara bem à tropa, nem a tropa a ele.

Mas a pouco e pouco a tropa acostumou-se a ele, e não havia um soldado que não fosse seu amigo, que não gostasse de ir nas suas patrulhas.

Eu conhecia-lhe os antecedentes.



Sabia muito bem que fora um militante da extrema esquerda, que tivera já os seus dissabores, mas quem me informara acrescentara que era um utopista e que os sentimentos da honra e da dignidade constituíam a base do seu ser.

Naquele local, na defesa dos interesses sagrados da Nação, na defesa da vida dos meus soldados, tive de o vigiar, mas acredite que tive relutância em fazê-lo.

Pouco a pouco vi que me não tinha enganado e que a confiança que nele depositara, as esperanças que me dera, se iam confirmando.

Angola transformou-o, Angola abriu-lhe os olhos, Angola foi a sua redenção.

O contacto permanente com os soldados, a visita a diversas localidades, a lida com os nativos, a observação permanente do que por lá fizemos, do que ensinámos, do que criámos, levou o Paulo a rever os seus ideais. Sentiu ele bem a razão por que nos batíamos e de alma e coração deu o máximo do seu esforço, deu a sua vida pela Pátria.



Alguns dos seus problemas tinha-os Angola resolvido, e se Deus não o tem chamado para seu lado, a sua palavra, o seu exemplo, iriam fazer regressar ao rebanho algumas ovelhas desgarradas.

Certo dia em que V. Ex.^a lhe comunicou a aventura de alguns camaradas, que com medo do serviço militar, com medo de terem de cumprir o seu dever, com medo da morte, se meteram num frágil barquito e iam perecendo no oceano, esse dia, foi um dia triste para o Paulo.

Vi lágrimas nos seus olhos quando verificou a pusilanimidade desses rapazes. Como um valente, ele desprezava os cobardes.

A sua morte não foi acompanhada de uma heroicidade, é verdade, mas, saiba-o agora, salvou uma vida.

Vida em troca da vida, senhor Antero. Era a morte que o Paulo poderia escolher.

Chora o senhor a vida dele, mas bem perto aí do Porto um pai e uma mãe rezarão pelo Paulo todos os dias, pelo Paulo que salvou a vida do filho deles.

Tinham aparecido há pouco as minas e tinham criado alarme. Seu filho sossegou os seus homens.

- Não tenham receio. Irei na frente, conduzindo a 1.^a viatura.

E assim foi. Não houve minas, mas Deus marcou o seu destino.

Uma emboscada, um tiro certo, destinado ao condutor, prostrou-o. Não deu um ai; Deus foi misericordioso com ele.

Quando chegámos a seu lado, um soldado soluçava. Era o condutor que ele quisera substituir.

- Morreu por mim – murmurava. - Esta bala era para mim.

Parece que previra a morte. Antes de partir de Quipedro para Luanda, ele dissera aos seus soldados:

- Se eu morrer na viagem, quero que me enterrem nesta terra de Angola.

Lá está. O seu sangue embebe aquela terra, o seu corpo jaz onde tantos outros caíram na defesa da civilização ocidental. O seu espírito esse paira sobre toda a terra portuguesa.



Onde estiver um soldado do B. C. n.^o 159 [Batalhão de Caçadores 159], há-de sempre falar-se no Alferes Paulo Freitas de Barros, na sua alegria, na sua afabilidade, na sua coragem, no seu exemplo.

Não há soldado do Batalhão que não tenha o retrato do seu filho, que não tenha falado nele.

Ele não morreu, senhor Antero. Enquanto for vivo um de nós, ele viverá na nossa lembrança, e mesmo depois de nós morrermos, de nós cairmos no esquecimento, nesse Minho, à noite, à lareira, falar-se-á sempre de certo alferes destemido que enfrentava o perigo a sorrir e que encontrou a morte por ter ocupado o lugar dum soldado.

